

**UM PANORAMA DA LITERATURA INDÍGENA BRASILEIRA  
CONTEMPORÂNEA**

**AN OVERVIEW OF CONTEMPORARY BRAZILIAN INDIGENOUS LITERATURE**

Recebido em: 19/01/2025

Aceito em: 26/02/2025

Publicado em: 27/02/2025

Djalma Barboza Enes Filho<sup>1</sup>   
Universidade Federal do Acre

Sônia Elina Sampaio Enes<sup>2</sup>   
Universidade Federal do Acre

Pedro Lopes da Silva<sup>3</sup>   
Universidade Federal do Acre

**Resumo:** Este estudo apresenta a literatura indígena brasileira contemporânea como expressão cultural e instrumento de resistência política dos povos originários. O objetivo é evidenciar o papel dessa produção literária na preservação das identidades indígenas e no diálogo intercultural. A metodologia adotada é de abordagem qualitativa, fundamentada em revisão bibliográfica e estudos acadêmicos. O trabalho aborda a trajetória histórica da literatura indígena, a relação entre oralidade e escrita e os desafios enfrentados para sua inserção no mercado editorial e no sistema educacional. Os resultados demonstram que a literatura indígena contribui para desconstruir estereótipos, fortalecer a memória coletiva e ampliar a visibilidade das culturas originárias. Conclui-se que o reconhecimento dessa produção literária é essencial para a construção de uma sociedade mais justa e plural, capaz de valorizar a diversidade cultural do Brasil.

**Palavras-chave:** Literatura Indígena; Identidade Cultural; Resistência Política.

**Abstract:** This study presents contemporary Indigenous Brazilian literature as a cultural expression and a political resistance tool for native peoples. The objective is to highlight the role of this literary production in preserving Indigenous identities and promoting intercultural dialogue. The adopted methodology is a qualitative approach based on bibliographic review and academic studies. The research addresses the historical trajectory of Indigenous literature, the relationship between orality and writing, and the challenges faced regarding its insertion in the publishing market and the educational system. The results show that Indigenous literature contributes to deconstructing stereotypes, strengthening collective memory, and increasing the visibility of Indigenous cultures. It is concluded that recognizing this literary production is essential for building a more just and plural society capable of valuing Brazil's cultural diversity.

**Keywords:** Indigenous Literature; Cultural Identity; Political Resistance.

## INTRODUÇÃO

A literatura indígena brasileira contemporânea destaca-se como um campo relevante de produção cultural e resistência política, evidenciando a diversidade e a riqueza das culturas dos povos originários do Brasil. Nos últimos anos, esse segmento literário tem conquistado maior

<sup>1</sup> Professor da Universidade Federal do Acre. Brasil, Acre, Cruzeiro do Sul. E-mail: djalma.filho@ufac.br

<sup>2</sup> Professora da Universidade Federal do Acre. Brasil, Acre, Cruzeiro do Sul. E-mail: sonia.enes@ufac.br

<sup>3</sup> Professor da Universidade Federal do Acre. Brasil, Acre, Cruzeiro do Sul. E-mail: pedro.silva@ufac.br

visibilidade, estimulando debates acadêmicos e sociais acerca de sua definição, trajetória histórica, relação entre oralidade e escrita, e papel na preservação e valorização das identidades indígenas.

Essa produção literária atua como um instrumento de resistência cultural e política, permitindo que autores indígenas reivindiquem seus direitos, denunciem as injustiças sofridas ao longo da história e reafirmem suas identidades culturais. Por meio da escrita, esses escritores rompem com o silenciamento imposto por séculos de colonização, desconstruindo estereótipos e promovendo um diálogo intercultural mais equitativo. Além de contribuir para a preservação das tradições orais de seus povos, a literatura indígena contemporânea adapta esses saberes a novos formatos, ampliando sua difusão e impacto.

Diversos autores indígenas têm desempenhado um papel fundamental na consolidação e expansão desse campo literário. Daniel Munduruku, por exemplo, destaca-se por suas obras voltadas para o público infantojuvenil, abordando a cultura e os valores dos povos indígenas de forma acessível e educativa. Eliane Potiguara, por sua vez, utiliza a poesia e a prosa para evidenciar a resistência das mulheres indígenas e denunciar as violências históricas e contemporâneas sofridas por seus povos. Já Kaká Werá Jecupé mescla espiritualidade e tradição em suas obras, proporcionando ao leitor uma imersão na cosmovisão indígena. Esses autores, entre outros, têm contribuído significativamente para o enriquecimento do panorama literário nacional, oferecendo perspectivas autênticas e diversificadas.

Nesse contexto, este estudo busca apresentar a literatura indígena brasileira contemporânea, evidenciando sua importância para a preservação das culturas originárias, a construção da identidade indígena e o fortalecimento do diálogo intercultural. Para tanto, a investigação aborda a trajetória histórica desse campo literário, os principais conceitos relacionados à autoria indígena e os desafios enfrentados para sua inserção no mercado editorial e no sistema educacional brasileiro. O reconhecimento e a valorização dessa produção literária são essenciais para a construção de uma sociedade mais justa, plural e consciente da riqueza cultural que caracteriza o Brasil.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho faz parte de uma pesquisa de doutoramento que apresentou a literatura indígena brasileira como uma escrita criativa e de resistência. Assim, este estudo foi desenvolvido a partir da adaptação de um capítulo da tese de doutorado do autor. A metodologia adotada para a produção deste artigo fundamenta-se em uma abordagem qualitativa e

interpretativa, visando apresentar um panorama da produção literária escrita de autoria dos povos originários brasileiros.

O procedimento metodológico envolveu a seleção e leitura de obras literárias de autores indígenas brasileiros, com destaque para Daniel Munduruku, Eliane Potiguara e Kaká Werá Jecupé, cujas produções ilustram a transição da oralidade para a escrita, mantendo os valores culturais de seus povos. Para garantir a contextualização teórica, foram utilizados os conceitos de autoria, identidade e resistência cultural, conforme abordados por Janice Thiél, Julie Dorrico e Graça Graúna.

Este trabalho foi embasado em uma revisão bibliográfica abrangente, que incluiu estudos acadêmicos sobre literatura indígena, incluindo artigos, dissertações e teses, bem como documentos oficiais, como a Lei nº 11.645/2008. Esse procedimento possibilitou articular a análise dos textos acadêmicos com o contexto histórico e social dos povos indígenas, evidenciando a relevância da literatura como instrumento de resistência e preservação cultural. Desse modo, esse artigo busca contribuir para o reconhecimento da literatura indígena como um elemento essencial na construção da identidade cultural brasileira.

## **REVISÃO DE LITERATURA E REFERENCIAL TEÓRICO**

A definição de "literatura indígena" suscita discussões entre pesquisadores e escritores. De acordo com Janice Thiél (2012), a literatura indígena é caracterizada por produções realizadas pelos próprios indígenas, que escrevem tanto para um público indígena quanto para não indígenas, utilizando meios e códigos peculiares às suas culturas. Essa perspectiva destaca a autoria indígena como elemento central, diferenciando-a de produções indianistas ou indigenistas, que, embora abordem temáticas indígenas, são elaboradas por não indígenas e frequentemente reforçam estereótipos ou visões distorcidas sobre os povos originários.

A produção literária indígena no Brasil ganhou visibilidade a partir da década de 1990, embora iniciativas anteriores já existissem. Conforme aponta Julie Dorrico (2019), até essa década, era raro encontrar obras publicadas que destacassem o nome de um autor indígena na capa ou na ficha catalográfica. A partir dos anos 1990, observa-se um aumento significativo no número de escritores indígenas e de obras publicadas, refletindo um movimento de afirmação identitária e resistência cultural. Esse crescimento está intimamente ligado à conquista de direitos políticos e sociais pelos povos indígenas, permitindo que suas vozes ganhassem espaço no cenário literário nacional.

A recepção crítica da literatura indígena tem evoluído, com um crescente interesse acadêmico e editorial. Pesquisadores como Graça Graúna (2013) enfatizam a importância dessa produção como forma de resistência e preservação cultural, destacando seu papel na construção de uma identidade indígena contemporânea que dialoga com a tradição e a modernidade. Entretanto, desafios persistem, incluindo a necessidade de maior divulgação e valorização dessas obras no mercado editorial e nos espaços acadêmicos.

A transição da oralidade para a escrita representa um aspecto central na literatura indígena. As narrativas orais, tradicionais entre os povos indígenas, carregam saberes ancestrais e constituem a base de sua identidade cultural. A escrita, nesse contexto, surge como uma ferramenta para registrar e perpetuar essas histórias, adaptando-as a novos formatos sem perder a essência original. Conforme destaca Thiél (2016), a literatura indígena, por sua vinculação à tradição oral e construção multimodal, contribui para a formação de leitores capazes de transitar entre diferentes códigos e linguagens, promovendo um letramento multicultural.

Historicamente, a expressão cultural dos povos indígenas no Brasil esteve enraizada na oralidade, com narrativas transmitidas de geração em geração. A introdução da escrita, portanto, representou uma nova ferramenta para o registro e a perpetuação desses saberes ancestrais. Conforme destaca Julie Dorrico (2019), a literatura indígena brasileira é orientada pelo princípio do homem integrado à natureza, evidenciando uma estrutura autorreferenciada que dialoga com a tradição oral e utiliza a escrita alfabética como meio de comunicação.

A partir das décadas de 1970 e 1980, observa-se uma crescente inserção de autores indígenas no cenário literário brasileiro. Esse movimento é impulsionado por lideranças e intelectuais de diferentes grupos étnicos que buscam romper com estereótipos e reivindicar seu espaço na sociedade por meio da literatura escrita. Alex Viana Pereira (2021) ressalta que essa produção literária representa um gesto de autoexpressão e autoafirmação dos povos originários, dando visibilidade às suas culturas e tradições.

A expansão da literatura indígena no Brasil tem sido impulsionada por autores como Daniel Munduruku, Eliane Potiguara e Kaká Werá Jecupé, que reivindicam a autoria como um direito político e cultural. Munduruku (2018) destaca que "escrever para um público não indígena é uma forma de educar e sensibilizar para as questões indígenas, apresentando narrativas que rompem com os estereótipos construídos ao longo da história" (Munduruku, 2018, p. 45). Potiguara (2019), por sua vez, enfatiza a importância da literatura como um espaço de voz para as mulheres indígenas, afirmando que "a palavra escrita é uma arma contra o apagamento histórico" (Potiguara, 2019, p. 32).

A autoria indígena, nesse contexto, assume um papel central na desconstrução de narrativas coloniais e na promoção de uma representação autêntica das culturas indígenas. Autores como Daniel Munduruku, Eliane Potiguara e Kaká Werá Jecupé têm sido pioneiros nesse movimento, contribuindo significativamente para a literatura brasileira com obras que refletem suas vivências e perspectivas. Esses escritores não apenas compartilham histórias e mitos de seus povos, mas também abordam questões contemporâneas, como a luta por direitos e a preservação ambiental.

A relação entre autoria e identidade coletiva também é destacada por Alex Viana Pereira (2021), que aponta que "a literatura indígena se insere em um contexto de autoria compartilhada, onde as narrativas individuais são construídas a partir das memórias e tradições de todo um povo" (Pereira, 2021, p. 148). Essa característica reflete a concepção de coletividade presente nas culturas indígenas, em contraste com a noção ocidental de autoria individual.

A literatura indígena contemporânea no Brasil caracteriza-se por ser um movimento estético-político protagonizado pela identidade indígena. Julie Dorrico (2021) enfatiza que essa produção literária não reside apenas na escrita alfabética e no livro editorial, mas também na oralidade e em escritas-desenho, conhecidas como escritas pictográficas ou hieroglíficas. Essa diversidade de formas de expressão evidencia a riqueza cultural dos povos indígenas e sua capacidade de adaptação e resistência frente às adversidades históricas.

A inserção da literatura indígena no cânone literário brasileiro ainda enfrenta desafios, especialmente no que diz respeito ao reconhecimento e à valorização dessa produção no mercado editorial e nos espaços acadêmicos. No entanto, iniciativas como a criação do Núcleo de Escritores e Artistas Indígenas (NEArIn), em 2004, têm sido fundamentais para fortalecer e divulgar a autoria indígena no país. Além disso, a promulgação da Lei nº 11.645/2008, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas, representa um avanço significativo no reconhecimento da importância da literatura indígena como ferramenta educativa e de resistência cultural.

## **AUTORIA E IDENTIDADE NA LITERATURA INDÍGENA BRASILEIRA**

A autoria na literatura indígena brasileira desempenha um papel central na afirmação da identidade dos povos originários e na desconstrução de representações coloniais. Segundo Dorrico (2021), "a autoria indígena não se limita ao ato de escrever, mas é um processo de resistência cultural que se manifesta em diversas formas, incluindo a oralidade e as artes visuais" (Dorrico, 2021, p. 110). Dessa forma, a literatura indígena não apenas perpetua as

tradições, mas também as reinterpreta no contexto contemporâneo. Essa produção literária reflete a diversidade étnica dos povos originários e serve como instrumento de resistência e afirmação identitária, destacando os escritores indígenas como protagonistas na preservação e disseminação de suas culturas e histórias.

Apesar da relevância da literatura indígena, essa produção enfrenta desafios no mercado editorial, que ainda privilegia narrativas não indígenas sobre os povos originários. Segundo Brito (2023), "a dificuldade de publicação e circulação das obras indígenas reflete uma estrutura excludente, que precisa ser revista para garantir maior acesso e representatividade" (Brito, 2023, p. 221). Esse cenário evidencia a necessidade de políticas públicas e iniciativas que incentivem a publicação e a valorização da literatura indígena brasileira. Ainda assim, a autoria indígena contemporânea se afirma como uma força vital na preservação das identidades culturais, promovendo um diálogo intercultural mais justo e inclusivo.

Nesse contexto, é necessário esclarecer o emprego de termos frequentemente utilizados para se referir à literatura dos povos originários brasileiros e à autoria dos textos indígenas. Em relação à terminologia, alguns termos são, por vezes, empregados como sinônimos, embora possuam significados distintos. Os mais comuns para designar a literatura que tematiza a cultura indígena são: literatura indianista, literatura indigenista, literatura indígena e literatura nativa.

Conforme Janice Thiél (2012), esses conceitos nem sempre são usados adequadamente. A autora afirma que "muitas vezes, títulos de obras que utilizam a palavra 'indígena' não são propriamente indígenas. Essas obras se voltam para temas que o imaginário ocidental associa ao universo indígena" (Thiél, 2012, p. 44). Especificamente, o termo literatura indianista refere-se à produção literária brasileira do período romântico, voltada para a construção de uma identidade nacional, sendo que os autores dessas obras não são indígenas. Já a literatura indigenista é produzida a partir de uma perspectiva ocidental, na qual o mundo indígena é o tema, mas o índio não é agente da narrativa, servindo apenas como informante. O objetivo dessa produção é informar o público não indígena sobre um universo que lhe é alheio (Thiél, 2012, p. 45).

Por outro lado, a literatura indígena é realizada pelos próprios indígenas, utilizando os meios e códigos que lhes são peculiares. Segundo Thiél (2012, p. 46-47), "as textualidades indígenas têm no índio não só um referente, mas também um agente. Ele escreve tanto para um público-alvo indígena (para os parentes) quanto para os não indígenas." As obras indígenas, especialmente as voltadas para o público infantil e juvenil, apresentam uma interação de multimodalidades, combinando a palavra impressa com ilustrações. Essa produção situa-se em

um “entre-lugar” cultural, tensionado entre oralidade e escrita, tradições literárias canônicas e indígenas, sujeição e resistência.

Outro termo relevante é literatura nativa, defendido pelo escritor indígena Olívio Jekupé (2012) para designar a escrita dos nativos da terra. Segundo Lisbôa (2015, p. 17), “a expressão ‘literatura nativa’ aproxima-se muito menos da literatura pós-colonial do que de uma literatura pós-nacional, que tem o intuito de se distanciar da retórica da nacionalidade, afirmando, ao contrário, a experiência social de povos originários.”

Dessa forma, o critério definidor da literatura indígena é a autoria, e não a temática abordada. Este estudo enfatiza o termo literatura indígena conforme a perspectiva de Janice Thiél (2012), dado que o foco da análise é a literatura produzida por escritores indígenas brasileiros contemporâneos. Contudo, reconhece-se a relevância da literatura produzida por não indígenas que abordam a temática indígena sem recorrer a estereótipos ou visões distorcidas.

Em relação à autoria das obras indígenas, Lynn Mario T. Menezes de Souza (2003) identifica três vertentes ou grupos de escrita de autoria indígena brasileira. A primeira é formada por professores/autores indígenas bilíngues, geralmente envolvidos na formação de professores para escolas indígenas. Suas obras têm como público-alvo os próprios indígenas, com o objetivo de difundir os conhecimentos culturais da tradição oral na forma de livros. Segundo Thiél (2012, p. 65), “essa escrita visa a um leitor indígena local, da comunidade na qual o texto é produzido, mas pode transitar para outras comunidades indígenas, numa troca de saberes e valores ancestrais.”

A segunda vertente compreende textos intermediados por não indígenas, responsáveis pelo processo de editoração e tratamento gráfico. Souza (2003, p. 09) adverte que “esse processo pode desfigurar o texto e comprometer sua multimodalidade discursiva, característica essencial da estética literária indígena”. Portanto, é necessário cuidado para preservar as particularidades culturais do texto durante a edição.

A terceira vertente abarca escritores de origem indígena que publicam suas obras de forma independente ou por meio de editoras não indígenas. Exemplos dessa vertente incluem Daniel Munduruku, Eliane Potiguara, Olívio Jekupé, Kaká Werá Jekupé, Cristino Wapichana, Vãngri Kaingáng, Edson Kayapó, Tiago Hakiy, Graça Graúna, Yaguarê Yamã e Roni Wasiry Guará. Alguns desses autores migraram para centros urbanos e convivem com a cultura dominante, escrevendo tanto para o público indígena quanto para o não indígena (Souza, 2003, p. 10). Apesar da inserção em contextos urbanos, muitos desses escritores mantêm vínculos

com suas comunidades de origem. Este estudo concentra-se nessa terceira vertente, enfatizando a autoria individual dos escritores indígenas brasileiros.

Além disso, a autoria na literatura indígena pode ser classificada em individual e coletiva. A autoria coletiva é identificada pelo nome de um povo indígena, como Guarani, Pataxó, Tupinambá e Maxakali, e geralmente aborda narrativas tradicionais desse povo. Ainda que o sujeito ou sujeitos responsáveis pela escrita sejam destacados, o nome do povo é o principal identificador da autoria. Por outro lado, a autoria individual destaca o nome do escritor, mas não se dissocia da tradição coletiva de seu povo. Segundo Dorrico (2018, p. 116), “o ponto convergente das duas formas de autoria, a coletiva e a individual, está na tradição.” Da mesma forma, Costa (2014, p. 75) ressalta que “a relação da pessoa com a sua comunidade étnica será conduzida pelo território de pertencimento, que passa também a ser espaço da recuperação da memória dos seus antepassados e lugar da sua ancestralidade.”

Portanto, ainda que a autoria de uma obra seja considerada individual, ela não se restringe ao indivíduo isolado, pois a cosmologia indígena enfatiza a conexão do autor com seu povo. A tradição coletiva influencia diretamente a escrita, permeando-a com os conhecimentos transmitidos de geração em geração. Desse modo, o sentimento de pertencimento ao povo prevalece, diferenciando-se da concepção não indígena, na qual o indivíduo geralmente não cultiva o mesmo grau de vínculo coletivo com a sociedade em geral.

## **HISTÓRICO E RELEVÂNCIA DA LITERATURA INDÍGENA BRASILEIRA**

A literatura indígena brasileira é um fenômeno recente, mas de ampla repercussão nacional, evidenciado pelo crescente número de escritores indígenas e suas diversas publicações. Atualmente, essas obras estão disponíveis em livrarias físicas e virtuais, como a Livraria Maracá, especializada na divulgação e venda de produções de autores indígenas. Além disso, muitos escritores utilizam blogs, redes sociais e plataformas digitais para difundir seus trabalhos. Alguns desses livros, especialmente os de autores mais renomados, já integram o acervo de escolas públicas e bibliotecas em diferentes regiões do país (Enes Filho, 2023).

Entretanto, a aceitação de autores indígenas e a presença de suas obras no mercado editorial brasileiro nem sempre foram comuns. Conforme Julie Dorrico (2019, p. 01), “até a década de 1990 era raríssimo encontrar obras publicadas que carregassem na capa ou na ficha catalográfica o nome de um sujeito indígena. E mais raro ainda ele ser conhecido no país como autor ou mesmo escritor.” Bonin (2012, p. 39) complementa essa análise ao afirmar que, nas últimas décadas, houve um aumento significativo na publicação de livros de literatura infantil

que abordam a vida indígena. Segundo o autor, “as narrativas atuais vão constituindo cenários e personagens variados que ora referendam, ora contestam certas imagens que estão naturalizadas em nossos repertórios representacionais. E, como novidade neste campo de produções, surgem os livros de autoria indígena.”

As primeiras produções literárias indígenas concentravam-se em narrativas que abordavam os conhecimentos e tradições dos povos originários, voltadas principalmente ao público adulto. Naquele momento, ainda não havia publicações direcionadas ao público infantil e juvenil. No entanto, com o passar do tempo, a literatura indígena diversificou seus temas e formatos, consolidando-se como um campo essencial para a preservação da cultura e da memória dos povos indígenas no Brasil.

Embora não haja consenso sobre a data exata do início da produção literária indígena no Brasil, a escritora Eliane Potiguara, do povo Potiguara, relata que já produzia poemas, crônicas e fazia jornalismo independente no final da década de 1970. Antes da consolidação da literatura indígena brasileira contemporânea, ela desenvolvia poemas-pôster e cartilhas mimeografadas com suas criações artísticas desde 1979. O marco oficial da literatura indígena ocorreu em 1980, com a publicação do primeiro livro de autoria indígena no Brasil: *Antes o mundo não existia: mitologia dos antigos Desana-Kêhíripõrã*, de Umusi Pãrökumu e Tõrãmu Kehíri (Firmino Arantes Lana/Luiz Gomes Lana). Essa obra bilíngue (português e desãna) foi publicada pela Livraria Cultura Editora, de São Paulo, com uma tiragem de cinco mil exemplares (Enes Filho, 2023).

Segundo Enes Filho (2023), a visibilidade da literatura indígena brasileira começou a ganhar destaque na década de 1990, quando o mercado editorial do país se abriu para esse tipo de produção literária. Nesse contexto, alguns escritores indígenas perceberam a possibilidade de contar suas histórias e dar visibilidade à história de seus povos, levando-as ao conhecimento dos não indígenas. A partir disso, passaram a escrever e a sugerir textos para editoras e instituições de apoio à causa indígena.

Um marco nesse processo foi a publicação do livro *Oré awé roiru 'a ma: Todas as vezes que dissemos adeus*, de Kaká Werá Jecupé, em 1994, pela editora Triom. Considerado o primeiro livro literário de autoria individual publicado por um indígena no Brasil, a obra é destinada ao público adulto e aborda temas como ancestralidade, memória e tradição, destacando os saberes e costumes das culturas indígenas brasileiras. Ainda na década de 1990, Daniel Munduruku publicou *Histórias de índio*, em 1996, pela editora Companhia das Letrinhas, com ilustrações de Laurabeatriz. Esse livro é considerado o primeiro de literatura

indígena voltado para crianças e jovens publicado no Brasil, marcando o início de um fenômeno de produção literária de autoria indígena direcionada ao público infantil e juvenil. Essas duas obras pioneiras – a de Jecupé (1994) e a de Munduruku (1996) – são consideradas referências literárias fundamentais, inaugurando o que passou a ser denominado de literatura indígena brasileira contemporânea (Enes Filho, 2023).

Para Julie Dorrico (2019), este início das publicações de autoria indígena brasileira demarca o território simbólico da arte literária indígena no Brasil. De acordo com a autora, “Kaká Werá e Daniel Munduruku são os pioneiros e, ousado dizer, idealizadores desse projeto literário que busca diminuir a distância e o desconhecimento da sociedade envolvente para com os povos originários” (Dorrico, 2019, p. 01). Apesar disso, os livros de autoria indígena não tiveram tanta visibilidade, neste momento inicial, por não apresentarem objetivos e potencialidade comercial.

O início da publicação das obras de autoria indígena na década de 1990 foi essencial para o fortalecimento que se consolidou a partir da década de 2000, quando os textos direcionados às crianças começaram a ser produzidos em maior quantidade. Esses textos trouxeram grandes benefícios, especialmente os de literatura indígena dedicados ao público infantil, pois foram escritos para crianças não indígenas com a esperança de contribuir para a desconstrução da visão estereotipada dos povos originários brasileiros, disseminada ao longo da história e reproduzida nas escolas, perpetuando o racismo contra o indígena e sua cultura.

Apesar desse início tímido, ele foi fundamental para o atual patamar da literatura indígena, servindo como pontapé inicial para o desenvolvimento de um movimento estruturado e organizado que impulsionou a expansão da literatura indígena brasileira e da literatura de temática indígena. Esse crescimento foi impulsionado pela maior procura das editoras na década de 2000, especialmente após a publicação da Lei 11.645/2008, sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que tornou obrigatório o ensino das culturas indígenas e afro-brasileiras no currículo escolar brasileiro.

Inicialmente, as obras de literatura indígena foram marcadas pela força da narrativa de tradição oral, com traços da oralidade e grafismos que representam a arte indígena, refletindo a presença cultural dos povos originários. Na contemporaneidade, esses elementos ainda são acentuados nos livros de autoria indígena, caracterizando um diálogo entre a ancestralidade e as práticas sociais do presente. Essa literatura pode ser considerada multimodal, pois não se limita à palavra impressa, incorporando elementos visuais que contribuem para a construção de

sentidos da obra, uma vez que os grafismos indígenas são narrativas próprias de suas histórias e trazem informações por meio de uma linguagem e leitura específicas de cada povo.

Os textos indígenas publicados narram memórias e histórias relacionadas ao caráter sagrado das forças naturais e da vida em todas as suas expressões. As narrativas tratam de histórias de origem e relações sociais nas quais seres humanos, animais e outros elementos da natureza convivem de forma pacífica, sem a imposição de hierarquias entre eles. Frequentemente, a origem de todas as coisas é atribuída a seres espirituais ou não, em forma de animais (Brito, 2016, p. 70).

A literatura de autoria indígena brasileira apresenta elementos de um passado marcado por lutas pela sobrevivência e pelo reconhecimento de direitos. Na contemporaneidade, muitos escritores indígenas utilizam a escrita para denunciar as violências sofridas no passado e no presente, além de compartilhar saberes e valores culturais do mundo indígena, buscando o reconhecimento e a valorização merecidos, mas historicamente negados.

Embora ainda pouco reconhecida, a produção de autoria indígena no Brasil está em constante crescimento. Alguns autores têm sido premiados pela qualidade de sua produção literária, contribuindo para o aumento gradual da circulação dos textos literários indígenas no país. Esse avanço deve-se ao fato de que os escritores indígenas estão se apropriando da língua portuguesa para apresentar produções literárias de elevado valor, proporcionando maior compreensão da rica e ainda pouco conhecida produção literária de autoria indígena.

Atualmente, são existem 88 escritores indígenas abordando temas diversos. Alguns vivem longe de suas terras e povos, enquanto outros ainda residem em suas comunidades e fazem questão de relatar suas vivências em meio a seus parentes. Muitos desses escritores transitam entre a aldeia e as grandes cidades, convivendo em espaços híbridos e levando suas culturas a diferentes lugares, utilizando a escrita como estratégia de sobrevivência e afirmação de suas identidades.

Na *Bibliografia das Publicações Indígenas do Brasil*, um Wikilivro que reúne uma bibliografia colaborativa das publicações de escritores indígenas do Brasil, coordenado por Daniel Munduruku, Aline da Silva Franca e Thulio Dias Gomes, disponível em [https://pt.wikibooks.org/wiki/Bibliografia\\_das\\_publicacoes\\_indigenas\\_do\\_Brasil](https://pt.wikibooks.org/wiki/Bibliografia_das_publicacoes_indigenas_do_Brasil), é possível identificar 88 escritores indígenas de 42 povos diferentes. Entre eles, René Khitãulu e Ely Macuxi já são falecidos, sendo que o último faleceu devido à COVID-19 no início de 2021. O quadro a seguir apresenta a lista dos escritores indígenas por origem.

Quadro 1 - Escritores Indígenas Brasileiros por Origem.

| POVO INDÍGENA | ESCRITOR   | QUANTIDADE |
|---------------|--|------------|
| ARANÃ         | Débora Arruda  | 01         |
| BANIWA        | Aldevan Baniwa<br>Andre Fernando Baniwa<br>Gersem dos Santos Luciano (Gersem Baniwa)   | 03         |
| DESANA        | Feliciano Pimentel Lana<br>Jaime Diakara<br>Tõrãmu Kehíri (Luiz Gomes Lana)<br>Umusi Pãrõkumu (Firmiano Arantes Lana)  | 04         |
| GUARANI       | Adão Karai Tataendy Antunes<br>Emerson Guarani<br>Kaká Werá Jecupé<br>Kerexu Mirim<br>Lídia Krexu Rete Veríssimo<br>Luiz Karai<br>Maria Kerexu<br>Olivio Jekupé<br>Papa Miri Poty<br>Tupã Mirim<br>Verá Kanguá<br>Werá Jeguaka Mirim | 12         |
| ITAQUERA      | Cláudia Flor D'Maria   | 01         |
| KAMBEBA       | Márcia Kambeba   | 01         |
| KAINGANG      | Vãngri Kaingang<br>Vanessa Kaingang  | 02         |
| KAMARUMÃ      | Lucia Morais Tucuju  | 01         |
| KARAJÁ        | Simone Karajá  | 01         |
| KARIPUNA      | Bruna Karipuna   | 01         |
| KARIRI XOCÓ   | Denízia Cruz   | 01         |
| KAYAPÓ        | Edson Kayapó<br>Aline Kayapó   | 02         |
| KRENAK        | Ailton Krenak<br>Edson Krenak<br>Shirley Djukurnã Krenak<br>Lidiane Damaceno Krenak  | 04         |
| KURÂ BAKAIRI  | Eliane Xunakalo  | 01         |
| MACUXI        | Ely Macuxi<br>Jaider Esbell<br>Julie Dorrico<br>Mathilde Makuxi<br>Sony Ferseck  | 05         |
| MARAGUÁ       | Elias Yaguakãg<br>Lia Minapoty<br>Roni Wasiry Guara<br>Yaguarê Yamã<br>Uziel Guaynê  | 05         |
| MAXAKALI      | Toninho Maxakali   | 01         |
| MURA          | Márcia Mura  | 01         |
| MUNDURUKU     | Daniel Munduruku<br>Marcelo Manhuari Munduruku   | 03         |

|                               |   |    |
|-------------------------------|---|----|
|                               | Ytanajé Coelho Cardoso  |    |
| NAMBIKWARA                    | René Kithãulu   | 01 |
| PATAXÓ                        | Anghichay Pataxó<br>Kanátyo Pataxó                                    | 02 |
| PAYAYA                        | Ademario Ribeiro<br>Juvenal Teodoro Payaya                            | 02 |
| PANKARÁ                       | Chirley Maria   | 01 |
| POTIGUARA                     | Eliane Potigura<br>Eva Potiguara<br>Graça Graúna<br>Sulamy Katy       | 04 |
| PURI                          | Aline Rochedo Pachamama<br>Zélia Puri                                 | 02 |
| TABAJARA                      | Auritha Tabajara  | 01 |
| TARIANO                       | Ismael Tariano  | 01 |
| TAUREPANG                     | Telma Taurepang   | 01 |
| TERENA                        | Marcos Terena<br>Naine Terena<br>Niara Terena                         | 03 |
| TIKUNA                        | Djuena Tikuna   | 01 |
| TREMEMBÉ                      | Telma Pacheco Tamba Tremembé  | 01 |
| TUKANO                        | Álvaro Tukano   | 01 |
| TUPINAMBÁ                     | Glicéria Tupinambá<br>Nankupé Tupinambá Fulkaxó                       | 02 |
| TUYUKA                        | Põrõ Israel Fontes Dutra<br>Yuhkuro Avelino Dutra                     | 02 |
| SATERÉ-MAWÉ                   | Tiago Hakiy   | 01 |
| UMUTINA                       | Ducinéia Tan Huare<br>Ariabo Kezo                                     | 02 |
| UMUTINA/BALATIPONÉ            | Helena Indiara Ferreira Corezomaé<br>Márcio Monzilar Corezomaé        | 02 |
| WAPICHANA                     | Cristino Wapichana<br>Gustavo Caboco Wapichana<br>Kamuu Dan Wapichana | 03 |
| WASSU COCAL                   | Ellen Lima Wassu  | 01 |
| WHAIKON                       | Rosi Whaikon  | 01 |
| YANOMAMI                      | Ehuana Yaira Yanomami<br>Luana Pawe Yanomami                          | 02 |
| XOCÓ                          | Fernanda Vieira   | 01 |
| Total de escritores indígenas |   | 88 |

**Fonte:** Munduruku, Daniel; Franca, Aline da Silva; Gomes, Thulio Dias. *Bibliografia das Publicações Indígenas do Brasil*. Wikilivro, 2021.<sup>4</sup>

De acordo com o quadro, existem 88 indígenas com produção de caráter literário no Brasil. Esses(as) escritores(as) produzem gêneros diversos, principalmente poemas e contos, que demonstram a grande diversidade cultural dos mais variados povos indígenas brasileiros.

<sup>4</sup> Disponível em:

[https://pt.wikibooks.org/wiki/Bibliografia\\_das\\_publica%C3%A7%C3%B5es\\_ind%C3%ADgenas\\_do\\_Brasil](https://pt.wikibooks.org/wiki/Bibliografia_das_publica%C3%A7%C3%B5es_ind%C3%ADgenas_do_Brasil).  
 Acesso em: 19 jan. 2025.

São textos que estão disponíveis a indígenas e não-indígenas, abordando temas específicos das questões indígenas, como a luta pela demarcação de terras, as crenças, danças e rituais, entre outros, e também temas mais gerais de interesse de toda a população brasileira, como a preservação da natureza e o respeito pelas diferenças.

Essa produção escrita pode ser considerada como uma nova forma de registro dos conhecimentos indígenas que são transmitidos, tradicionalmente e por muitos séculos, por meio da oralidade, conservando e transmitindo suas culturas para as novas gerações. Esses registros escritos, de variadas línguas e diferentes visões de mundo de diversos povos originários existentes no Brasil, representam uma maneira de afirmação de suas etnias, bem como possibilitam a divulgação de suas culturas. “A literatura indígena explicita a diversidade dos povos indígenas no Brasil. Evidencia o reflorescimento desses povos e o olhar sagrado que eles têm para as forças da natureza. Constata o movimento de revitalização sociocultural desses povos, superando a lógica do extermínio” (Brito, 2016, p. 74).

Além de divulgar a vasta e belíssima riqueza da cultura dos povos originários, a literatura indígena apresenta o maravilhoso, a fantasia, trazendo junto conhecimento, poesia e denúncia, enfatizando como uma de suas principais características o comprometimento com as causas sociais e com a defesa dos direitos humanos, além de apresentar denúncias da violação das conquistas e dos conhecimentos dos povos indígenas.

A literatura de autoria indígena é caracterizada principalmente por lendas, contos extraordinários e mitos, trazendo histórias cheias de aventuras, romances, lutas, misticismo, mas principalmente ensinamentos diversos. Além disso, essa literatura proporciona um convite a reflexão sobre a poesia, a filosofia, a sociologia, entre outros saberes, acentuando a presença e denunciando a situação indígena em nosso território nacional. Desse modo, ela é destinada principalmente para o público infantil e juvenil, mas não é específica para esse público, tendo em vista que as temáticas presentes nos livros de literatura indígena são diversas. Assim, a literatura indígena é acolhida por todos os públicos, inclusive o adulto (Enes Filho, 2023).

Além da crescente produção literária de autoria indígena no Brasil, está acontecendo um crescimento nas pesquisas científicas em relação a literatura indígena brasileira contemporânea, ocasionando um aumento nas produções acadêmicas sobre essa temática. Olívio Jekupé, escritor indígena do povo Guarani, afirma que [...] “hoje existem muitas pesquisas acadêmicas sobre autores indígenas, de modo que, através deles, os autores começam a ser mais destacados nas universidades” (Jekupé, 2020, p. 115).

Segundo Jekupé (2020, p. 115), [...] “cresce o número de mestrandos pesquisando, bem como de doutorandos trabalhando com livros de vários escritores indígenas, inclusive sei que muitos deles já pesquisaram meus livros”. Para esse escritor, a literatura nativa vai crescer ainda mais e vai sensibilizar a sociedade para que mude a visão estereotipa que possui em relação aos povos indígenas. Ele garante que a literatura nativa está em plena ascensão.

Por isso, quero dizer que nossa literatura nativa vai crescer aos poucos, e sei que vai ser importante, porque esses livros irão clarear a mente da sociedade e valorizar o nome dos povos indígenas no Brasil e ver que somos um povo capaz também, porque a visão da sociedade sobre nós é péssima, às vezes que somos atrasados, primitivos, incapazes, mas não, somos apenas diferentes culturalmente (Jekupé, 2020, p. 115).

Nesta perspectiva, a literatura indígena precisa ser valorizada pela sociedade para que tenha visibilidade e reconhecimento, valorizando a cultura dos povos originários. Dentre as diversas maneiras de valorizar a cultura indígena brasileira, a literatura pode ser considerada uma excelente maneira de trazer conhecimentos sobre esses povos, principalmente para os não-indígenas, pois a produção literária indígena em língua portuguesa tem como base a cultura, envolvendo os conhecimentos, os rituais, os cânticos, as cerimônias, as artes, os enfeites, as vestimentas, as pinturas corporais, as pinturas em utensílios domésticos, entre outras atividades culturais inerentes aos povos originários.

Assim, mesmo que muitos autores indígenas não vivam entre seus parentes em suas comunidades de origem, não deixam de pertencer ao seu povo, pois cultivam o sentimento de pertencimento social, ao utilizarem como base de seus textos elementos importantes de suas culturas. Isso fica evidente em suas obras que, frequentemente, destacam os aspectos culturais e a ancestralidade, utilizando a escrita como uma forma de valorizar seus saberes e seus povos, vislumbrando possibilidades de divulgação e valorização de suas culturas e maneiras de viver em sociedade. Sobre maneiras de viver e a organização da sociedade, o escritor indígena Edson Machado de Brito, popularmente conhecido por Edson Kayapó, esclarece.

Nessa perspectiva, a literatura indígena é um instrumento educativo para demonstrar que, apesar da organização socioambiental indígena ocorrer em outras lógicas (não ocidentais), trata-se de povos de carne e osso que não podem mais ser idealizados como personagens de ficção romântica do passado. Entre tantos ensinamentos, a literatura indígena escrita pode auxiliar na compreensão de que os indígenas não estão apenas nas aldeias. Eles estão espalhados pelo Brasil, nas cidades, nas universidades, nas escolas e nos demais espaços sociais, ocupando funções e profissões diversas. (Brito, 2016, p. 70-71).

Nesse contexto de crescimento da presença indígena em vários setores da sociedade, a literatura de autoria indígena brasileira contemporânea vem abrindo espaço para os indígenas se destacarem não apenas na academia, mas em outros setores da sociedade, marcando presença, inclusive, no ambiente educacional. Nesse sentido, essa literatura escrita de autoria indígena é de fundamental importância para os povos originários do Brasil, por ser considerada uma ferramenta de resistência que apresenta uma compreensão cultural de forma bem elaborada e criativa dos conhecimentos ancestrais, transmitidos tradicionalmente de forma oral nas comunidades, e da memória coletiva de vários povos indígenas brasileiros.

Portanto, o movimento de ocupação de espaços sociais pelos indígenas, corrobora o crescente interesse pela literatura indígena no Brasil. A presença do escritor Ailton Krenak na Academia Brasileira de Letras é um grande exemplo da ocupação de espaços sociais pelos povos indígenas e representa reconhecimento da relevância da literatura indígena no cenário cultural brasileiro. Sua presença em uma instituição de tamanha importância simboliza não apenas a valorização das narrativas originárias, mas também fortalece o movimento de resistência e afirmação identitária dos povos indígenas. Isso contribui para o crescente interesse do público e da academia pela literatura indígena, ampliando a visibilidade das vozes originárias e consolidando o papel dessa produção na construção do imaginário cultural do país.

## **DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA LITERATURA INDÍGENA BRASILEIRA**

A literatura indígena brasileira contemporânea tem se consolidado como uma expressão essencial das culturas originárias, desempenhando um papel crucial na preservação e disseminação das tradições, histórias e perspectivas dos povos indígenas. No entanto, essa manifestação literária enfrenta desafios significativos que limitam sua plena inserção e reconhecimento no cenário cultural e educacional do país.

Um dos principais obstáculos é a restrita circulação e divulgação das obras. Apesar do crescimento da produção literária por autores indígenas, esses textos frequentemente não alcançam um público amplo devido à limitada distribuição e ao pouco destaque nos meios de comunicação e livrarias. Essa realidade reflete uma estrutura editorial ainda voltada para narrativas não indígenas, marginalizando as vozes autênticas dos povos originários. Franca e Silveira (2013, p. 229) destacam que "a literatura indígena caracteriza-se por criações de caráter oral ou escrito, coletivas ou individuais, sendo estabelecida, pensada e estruturada a partir de padrões culturais e elementos estilísticos dos povos indígenas". Contudo, essa riqueza cultural ainda enfrenta barreiras para se inserir no mercado editorial brasileiro.

A educação também desempenha um papel fundamental na promoção e valorização da literatura indígena. A Lei nº 11.645/2008, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas, enfrenta dificuldades em sua implementação, especialmente devido à formação inadequada dos educadores e à escassez de materiais didáticos apropriados. Muitos professores não recebem preparo suficiente para abordar de forma crítica e informada as questões indígenas, perpetuando estereótipos em sala de aula. Siqueira e Szlachta Junior (2023, p. 216) ressaltam que "ainda há insuficiência significativa nos debates promovidos nas instituições de Educação Básica, principalmente no que se refere à reprodução de estereótipos e generalizações a respeito dos povos originários".

Superar esses desafios exige a implementação de políticas públicas que incentivem a publicação e distribuição de obras indígenas, garantindo que essas narrativas alcancem um público mais amplo. Além disso, é essencial investir na formação continuada de educadores, capacitando-os para trabalhar com a literatura indígena de forma sensível e informada. Coenga (2023, p. 159) sugere que "a inserção da temática indígena na sala de aula evidencia a necessidade de formar leitores que pode favorecer a educação sentimental e ajudar a empreender essa antiga tarefa do 'conhece-te a ti mesmo' e do 'conhece aos demais'".

A literatura indígena brasileira não é apenas uma manifestação artística, mas também uma poderosa ferramenta de resistência cultural e política. Por meio da escrita, os povos indígenas compartilham suas histórias, saberes e cosmologias, desafiando narrativas hegemônicas e reivindicando seu espaço na sociedade brasileira. Graúna (2016, p. 275) enfatiza que "fazer literatura indígena é uma forma de compartilhar com os parentes e com os não indígenas nossa história de resistência, nossas conquistas, os desafios, as derrotas, as vitórias". Essa prática literária fortalece identidades, preserva línguas e tradições e promove o diálogo intercultural.

Outro desafio significativo é a transição da oralidade para a escrita, que exige adaptar narrativas tradicionais a novos formatos sem perder a essência cultural. Campesato (2023, p. 2) aborda "a escrita como gesto ético, estético e político de resistência dos povos ameríndios brasileiros diante das problemáticas atuais", evidenciando a escrita como um instrumento de luta e preservação cultural. Nesse contexto, a inclusão da literatura indígena nos currículos escolares é crucial para promover o respeito e a valorização das culturas originárias. Thiél (2013, p. 1176) argumenta que "o contato com esta literatura pelo público formado por crianças e jovens pode promover a formação de leitores competentes, multiculturais e multiletrados".

Portanto, a literatura indígena brasileira enfrenta desafios relacionados à sua divulgação, inserção no mercado editorial e implementação no sistema educacional. Contudo, o crescimento da produção literária, aliado a políticas públicas inclusivas e à formação adequada de educadores, aponta para um cenário promissor. Reconhecer e promover a literatura indígena é essencial para a construção de uma sociedade mais justa, plural e consciente de sua diversidade cultural.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A literatura indígena brasileira contemporânea constitui-se como uma manifestação artística e cultural fundamental para a afirmação da identidade dos povos originários e a desconstrução de estereótipos historicamente arraigados. Ao longo deste estudo, evidenciou-se que a autoria indígena transcende o ato de escrever, configurando-se como um gesto de resistência cultural que mantém vivas as tradições orais enquanto dialoga com o contexto contemporâneo. A transição da oralidade para a escrita, longe de representar uma ruptura, revela-se como uma adaptação necessária para a perpetuação das narrativas ancestrais em novos formatos, preservando a essência das culturas indígenas.

O crescimento da produção literária de autoria indígena no Brasil, especialmente a partir da década de 1990, demonstra a importância da ocupação de espaços anteriormente inacessíveis, tanto no mercado editorial quanto no meio acadêmico. A presença de escritores como Daniel Munduruku, Eliane Potiguara, Kaká Werá Jecupé, entre outros, exemplifica a relevância desse movimento estético-político, que busca não apenas difundir as histórias e saberes dos povos originários, mas também promover um diálogo intercultural mais justo e inclusivo. Além disso, a diversidade de formas de expressão, que inclui desde a escrita alfabética até as escritas pictográficas, evidencia a riqueza cultural e a capacidade de adaptação desses povos.

Entretanto, os desafios enfrentados pela literatura indígena ainda são significativos. A restrita circulação das obras, a falta de reconhecimento no mercado editorial e as dificuldades na implementação da Lei nº 11.645/2008 revelam a necessidade de políticas públicas eficazes que incentivem a publicação e a valorização dessas produções. A formação adequada de educadores também se mostra essencial para garantir que as narrativas indígenas sejam abordadas de forma respeitosa e crítica, contribuindo para a superação de estereótipos e preconceitos.

Nesse contexto, a literatura indígena desempenha um papel educativo indispensável, possibilitando que leitores indígenas e não indígenas conheçam a diversidade cultural dos povos originários e compreendam a relevância de suas contribuições para a sociedade brasileira. Ao abordar temas como a luta pela demarcação de terras, a preservação ambiental e o respeito às diferenças, essa produção literária promove uma reflexão crítica sobre questões sociais e culturais contemporâneas, consolidando-se como uma ferramenta de resistência e afirmação identitária.

Portanto, o fortalecimento da literatura indígena brasileira depende do reconhecimento de sua importância enquanto manifestação artística e política, bem como da implementação de ações que garantam sua ampla divulgação e valorização. Somente assim será possível construir uma sociedade mais justa e plural, capaz de reconhecer e respeitar a diversidade cultural que constitui a identidade nacional.

## REFERÊNCIAS

BRITO, Edson Kayapó. Histórias e culturas indígenas na educação básica: a literatura indígena brasileira contemporânea como fonte histórica na sala de aula. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, v. 36, n. 2, p. 214-242, 2023. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/cdhis/article/download/71035/37762/329709>. Acesso em: 18 dez. 2024.

CAMPESATO, Maria Alice Gouvêa. Da oralidade à escrita: povos indígenas, História do Tempo Presente e os desafios no campo educacional. **Tempo e Argumento**, v. 15, n. 40, p. e0103, 2023. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/376958546\\_Da\\_oralidade\\_a\\_escrita\\_povos\\_indigenas\\_Historia\\_do\\_Tempo\\_Presente\\_e\\_os\\_desafios\\_no\\_campo\\_educacional](https://www.researchgate.net/publication/376958546_Da_oralidade_a_escrita_povos_indigenas_Historia_do_Tempo_Presente_e_os_desafios_no_campo_educacional). Acesso em: 18 dez. 2024.

COENGA, Rosemar Eurico. Perspectivas da literatura indígena e o viés intercultural: temas emergentes no ensino de literatura. **Revista Alêre**, v. 27, n. 1, p. 157-172, 2023. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/alere/article/download/11534/7829/39651>. Acesso em: 18 dez. 2024.

DANNER, Leno Francisco; DORRICO, Julie; DANNER, Fernando. Literatura indígena brasileira: entre tradição, crítica e resistência. **Revista Graphos**, v. 21, n. 1, p. 212-230, 2019. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/334534138\\_Literatura\\_indigena\\_brasileira\\_entre\\_tradicao\\_critica\\_e\\_resistencia](https://www.researchgate.net/publication/334534138_Literatura_indigena_brasileira_entre_tradicao_critica_e_resistencia). Acesso em: 18 dez. 2024.

DORRICO, Julie. Literatura indígena: entre memórias. **Educação em Revista**, v. 35, e38419, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/edrevista/article/view/38419>. Acesso em: 18 dez. 2024.

DORRICO, Julie. A estrutura do homem integrado à natureza como princípio da literatura brasileira contemporânea. **Espaço Ameríndio**, v. 13, n. 2, p. 242-267, jul.-

dez. 2019. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/EspacoAmerindio/article/download/93400/55531>. Acesso em: 18 dez. 2024.

DORRICO, Julie. A literatura indígena contemporânea no Brasil: a autoria individual de identidade coletiva. **FLIP**, 2021. Disponível em: <https://flip.org.br/2021/a-literatura-indigena-contemporanea-no-brasil-a-autoria-individual-de-identidade-coletiva/>. Acesso em: 18 dez. 2024.

ENES FILHO, Djalma. B. **Literatura indígena brasileira contemporânea para a infância: uma escrita criativa e de resistência**. 2023. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2023.

FRANCA, Aline; SILVEIRA, Naira Christofolletti. A representação descritiva e a produção literária indígena brasileira. **Transinformação**, v. 25, n. 3, p. 229-238, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/Sw9dF3yQ43JZRZgR7mktWQ/?format=pdf>. Acesso em: 18 dez. 2024.

GRAÚNA, Graça. A literatura indígena brasileira: debatendo o conceito. **Boitatá**, v. 22, p. 1-14, 2016. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/boitata/article/view/31279>. Acesso em: 18 dez. 2024.

GRAÚNA, Graça. Por uma definição de literatura indígena. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 47, p. 273-276, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/v8Mq5p4P6j9vRKVMXJ5WjPC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 dez. 2024.

MUNDURUKU, Daniel. Literatura indígena: tradição e contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, v. 24, n. 72, p. 42-50, 2018.

PEREIRA, Alex Viana. Literatura de autoria indígena brasileira: um movimento em ascensão. **Revista de Letras**, v. 22, n. 52, p. 145-151, 2021. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/download/26999/pdf/104935>. Acesso em: 18 dez. 2024.

POTIGUARA, Eliane. A voz da mulher indígena na literatura brasileira. **Revista Estudos Literários**, v. 34, p. 29-38, 2019.

SIQUEIRA, Amanda Maria Barbosa; SZLACHTA JUNIOR, Arnaldo Martin. Histórias e culturas indígenas na educação básica: a literatura indígena brasileira contemporânea como fonte histórica na sala de aula. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, v. 36, n. 2, p. 214-242, 2023.

THIÉL, Janice. A literatura dos povos indígenas e a formação do leitor multicultural. **Educação & Realidade**, v. 38, n. 4, p. 1175-1189, 2013. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/262762371\\_A\\_literatura\\_dos\\_povos\\_indigenas\\_e\\_a\\_formacao\\_do\\_leitor\\_multicultural](https://www.researchgate.net/publication/262762371_A_literatura_dos_povos_indigenas_e_a_formacao_do_leitor_multicultural). Acesso em: 18 dez. 2024.

THIÉL, Janice Cristine. A literatura infanto-juvenil indígena brasileira e a promoção do letramento multicultural. **Revista Brasileira de Educação**, v. 21, n. 64, 2016.